

O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



Santa Terezinha do Menino Jesus



Santa Francisca Xavier Cabrini



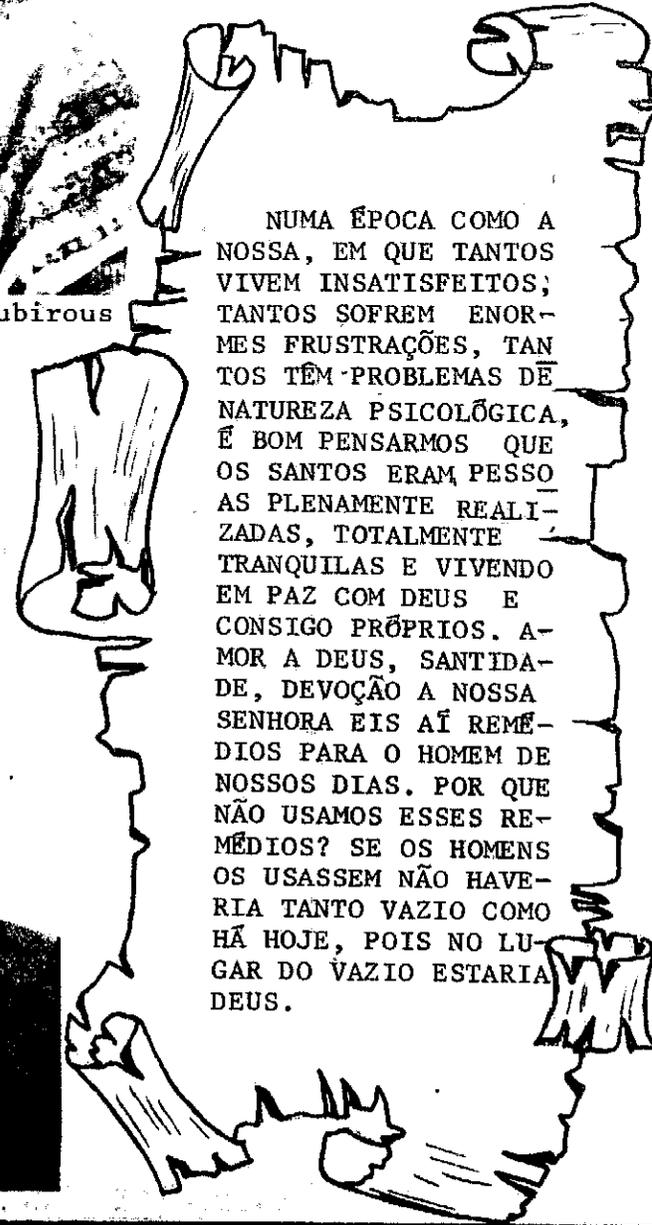
Santa Bernardette de Soubirous



São Maximiliano Maria Kolbe



São João Bosco



NUMA ÉPOCA COMO A NOSSA, EM QUE TANTOS VIVEM INSATISFEITOS; TANTOS SOPREM ENORMES FRUSTRAÇÕES, TANTOS TÊM PROBLEMAS DE NATUREZA PSICOLÓGICA, É BOM PENSARMOS QUE OS SANTOS ERAM PESSOAS PLENAMENTE REALIZADAS, TOTALMENTE TRANQUILAS E VIVENDO EM PAZ COM DEUS E CONSIGO PRÓPRIOS. AMOR A DEUS, SANTIDADE, DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA EIS AÍ REMÉDIOS PARA O HOMEM DE NOSSOS DIAS. POR QUE NÃO USAMOS ESSES REMÉDIOS? SE OS HOMENS OS USASSEM NÃO HAVERIA TANTO VAZIO COMO HÁ HOJE, POIS NO LUGAR DO VAZIO ESTARIA DEUS.

Escrevem os leitores

"Desde o primeiro ano do jornal "O Desbravador" é que o venho recebendo e aproveito para agradecer a atenção recebida e desejar que consigam em sucesso cada vez maior, o qual, com certeza, vêm adquirindo há muito.

É justamente por estar satisfeito e sempre interessado pelo seu trabalho que escrevo comunicando o meu novo endereço. Espero poder, assim, continuar recebendo todas as edições mensais deste maravilhoso jornal.

Desde já agradeço."

JOÃO TORRES DE REZENDE
CAMPINAS - SP

"O motivo desta duas linhas é somente para comunicar que tive a felicidade de conhecer este maravilhoso jornal "O Desbravador", pelo amigo meu, que vocês já conhecem... Eu desejo fazer uma assinatura do jornal..."



"Estou escrevendo esta pequena carta para pedir-lhes a gentileza de me enviarem o jornal "O Desbravador". Tomei conhecimento deste magnífico jornal através de um irmão da Igreja da qual participo, quando estava num momento de desconforto espiritual. O jornal ajudou-me... Que Deus e a Virgem Maria abençoem este jornal"

"Que a Paz de Jesus e o Amor de Maria estejam no coração de toda esta equipe maravilhosa.

Recebi o jornal "O Desbravador". Ele é maravilhoso; me ensinou várias coisas que ainda não sabia. Muito obrigado a quem o mandou. Gostaria de recebê-lo todos os meses, pois ele é uma coisa que não podemos passar sem.

Que Cristo ilumine o caminho de todos vocês, em cada manhã que surge e que o jornal cresça cada vez mais, e ensine muitas e muitas coisas maravilhosas àqueles que não sabem."

AURIZETE MOTA DA SILVA
EQUADOR - RN

LUÍS OSCAR HUMMES
PORTO ALEGRE - RS



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO:

ANSELMO LÁZARO BRANCO
VAMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO:

SELMA APARECIDA LÁZARO BRANCO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO:

ESTÚDIO "FRÁ ANGÉLICO"

REDAÇÃO:

JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIS HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA:

GERALDO JOSÉ DE MATOS
SHEFERSON SANDER FERREIRA
LAURINDO GONÇALVES
VICENTE WALTHER S. MACHADO

EXPEDIÇÃO:

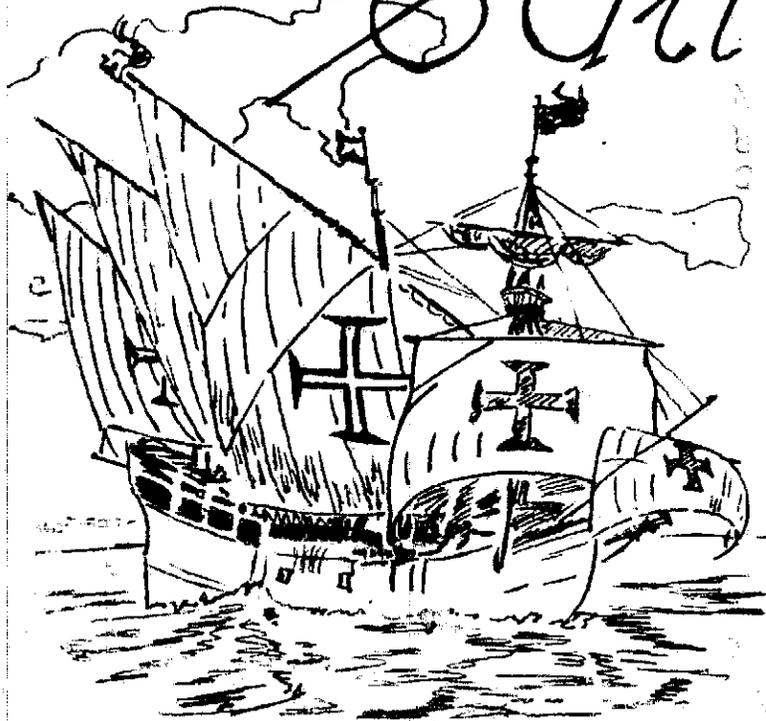
EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
RENATO KAORU ISHIMINE
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANCINI
WALADYER NERI S. MACHADO
MIGUEL ZUPPO
LUIS AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
EDIVAN RODRIGUES DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 SÃO PAULO SP

2 "FAZEI-ME ESTE FAVOR, MEUS IRMÃO, NÃO ME PRIVEIS DA VERDADEIRA VIDA... DEIXAI QUE ME TORNE O IMITADOR DA PAIXÃO DE MEU DEUS" [Santo Inácio de Antioquia]

Editorial



Em nossa capa colocamos fotografias de alguns santos canonizados, todos eles de época recente em que já havia fotografia e que portanto foram retratados de maneira fidedigna, tendo seus rostos vistos tais quais eram.

Na verdade o rosto é o espelho da alma e a reflete de maneira altamente expressiva. E, uma coisa que todos estes santos refletem é uma tranquilidade interior a toda prova, pois viviam com sua consciência na verdadeira paz, na verdadeira e perfeita alegria.

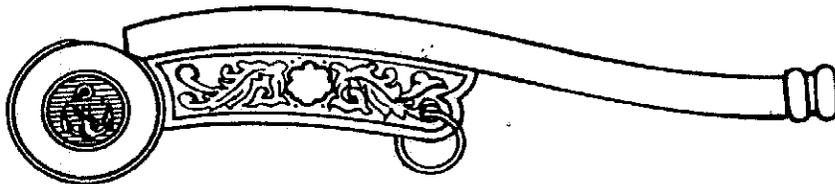
Sim, que coisa pode dar maior paz ao homem do que o amor a Deus? Que coisa é mais capaz de fazer o homem feliz do que o exato cumprimento da vontade Divina?

Os santos foram pessoas de carne e osso como nós, sujeitos às mesmas vicissitudes humanas a que estamos sujeitos, mas que com o auxílio da Divina Graça, superaram todos os problemas, venceram as tentações diabólicas e puderam dizer como o Apóstolo que haviam combatido o bom combate, terminado sua corrida e mantido a Fé.

Quantos infelizes julgam que a prática da virtude, a vida santa e o cumprimento da vontade Divina são anormalidades. E, quem de bom senso ousará dizer que os santos retratados em nossa capa não refletem uma completa normalidade e mais do que isso uma satisfação imensa com aquilo que fazem e por aquilo que vivem?

São vocações diversas. É o grande apóstolo da juventude São João Bosco, com sua exuberante alegria. É a jovem vidente de Lourdes, Santa Bernardette de Soubirous. É a ativíssima (e não menos interior) missionária das Américas, Santa Francisca Xavier Cabrini. É o frade franciscano, jornalista e finalmente vítima do nazismo, São Maximiliano Maria Kolbe. É aquela maravilhosa santa da pequena via, do amor Divino Santa Terzinha do Menino Jesus. Diversos e no entanto tendo em comum a santidade e o grande sinal da santidade, A devoção profunda a Nossa Senhora.

Que Ela que é a Rainha dos Santos nos alcance a imensa, a insigne graça de também nós ouvirmos a Ela e seguirmos a Jesus Cristo, Seu Divino Filho e Nosso Salvador, sendo santos.



QUANTOS DE NÓS ?

Quantos de nós seríamos aprovados num teste de honra em condição de católicos?

Quantos de nós...

...Ficamos encabulados ou indiferentes ao cruzar com um sacerdote na rua mas não temos o menor constrangimento em conversar com um bêbado?

...Admiramos a beleza dos presépios mas nunca construímos um oratório em casa?

...Deixamos nossos filhos faltar nas aulas de religião para participar de um ensaio de ballet ou de um campeonato de tênis, mas não permitimos que eles faltem ao colégio num Dia Santo?

...Não temos tempo para a reza diária do Terço, mas passamos horas diante da televisão todas as noites?

...Afastamo-nos do Catolicismo alegando desconhecer os seus preceitos, mas fazemos cursos de aperfeiçoamento em jardinagem, inglês e computação?

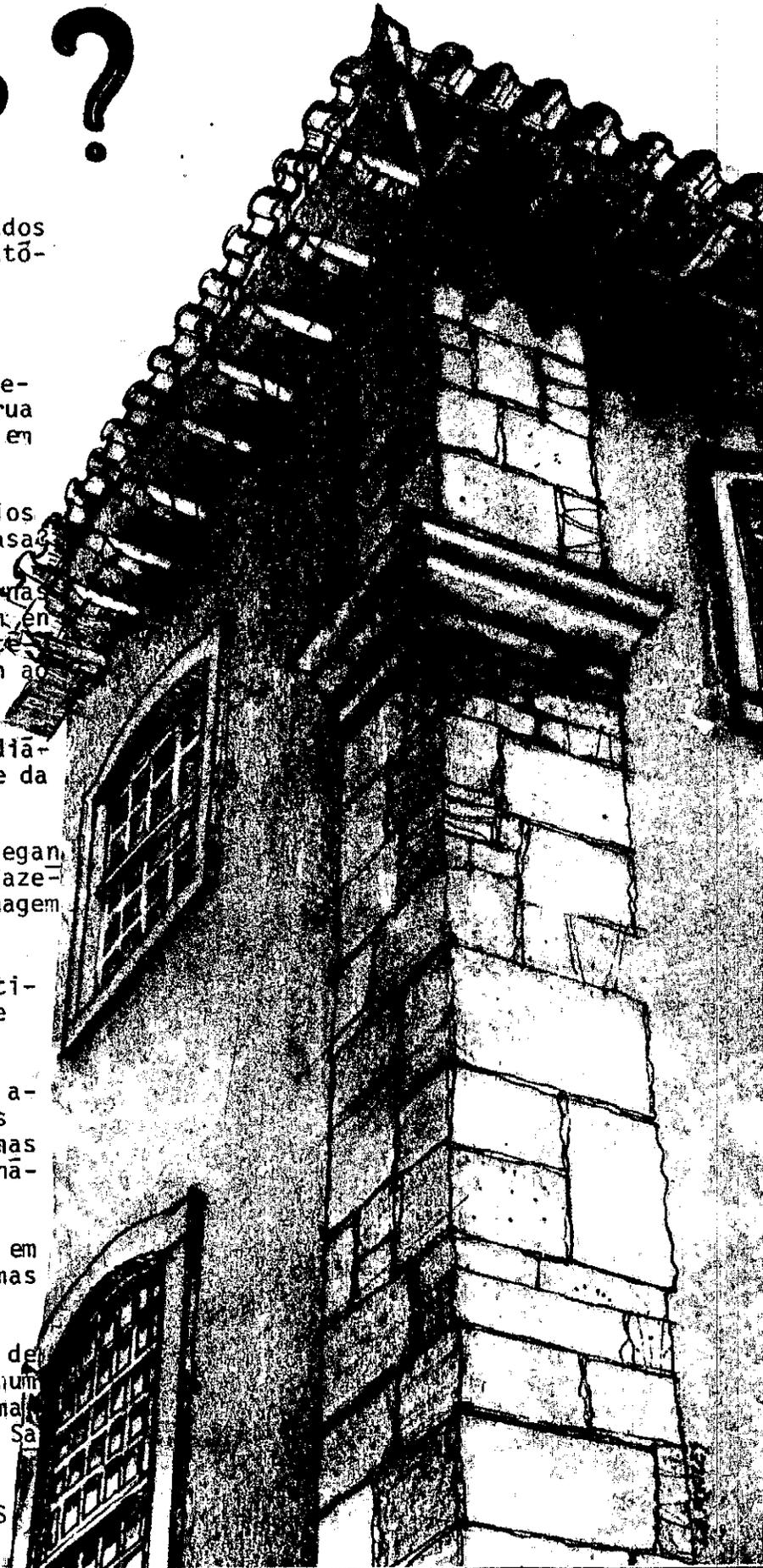
...Reclamamos das coletas e doativos, mas não das mensalidades do clube de campo?

...Permitimos que nossos filhos abandonem os estudos da religião depois de sua Primeira Comunhão ou Crisma, mas jamais os deixamos interromper o ginásio aos 12 ou 13 anos?

...Não conseguimos nunca chegar em casa à hora do Angelus ou do Terço, mas jamais perdemos a novela das oito?

...Possuímos dúzias de cartuchos de "video-games", mas não temos em casa um exemplar dos Santos Evangelhos, uma imagem de Nossa Senhora ou um quadro dos Sagrados Corações?

QUANTOS DE NÓS SERIAMOS APROVADOS NUM TESTE ASSIM?



4 "QUEM AMA A DEUS, DE TODO CORAÇÃO, NÃO TEME NEM A MORTE, NEM O CASTIGO, NEM O JUÍZO, NEM O INFERNO, PORQUE O PERFEITO AMOR DÁ SEGURO ACESSO A DEUS" (IMITAÇÃO DE CRISTO)

OS MÁRTIRES DO JAPÃO

Os cavaleiros de Deus

Em 1593 chegavam ao Japão os primeiros missionários franciscanos, como embaixadores de Espanha, sob chefia do Padre Pedro Batista Blasquez. Com a simplicidade, vestes humildes e caridade foram cativando os corações. O próprio imperador, diante da corte, exclamou com admiração: "Esses são verdadeiramente cavaleiros de Deus!"

Fundaram conventos em Kioto, Nagasaki e Osaka. Ao lado de cada convento, um hospital, um orfanato, uma escola. E surgiram logo florescentes comunidades cristãs, e muitos fiéis se fizeram membros da Ordem Terceira Franciscana.

Os bonzos

A rápida expansão da fé cristã despertou a desconfiança dos bonzos. Alarmaram o imperador, declarando que seu trono ocorria perigo, pois os frades, pregando o desprezo dos ídolos, não estimulando a obediência às leis japonesas, estavam demolindo a autoridade do soberano; além disso, com suas obras de caridade, convertiam a população ao cristianismo. E assim, prosseguiam os bonzos, esses estrangeiros estavam preparando a ruína do Japão e sua conquista pelos europeus...

Presos

As reiteradas calúnias enfureceram o imperador, que mandou cercar os conventos e prender os missionários e seus ajudantes. Foram arrastados à prisão 3 padres jesuítas, 6 franciscanos, 17 terceiros franciscanos. E naqueles dias os fiéis japoneses deram belíssimos exemplos de heroísmo.

Ao saber que a polícia tinha prendido seus padres, 170 fiéis se apresentaram nas portas das cadeias espontaneamente, pedindo para também serem presos, pois eram cristãos. Mas os policiais nada fizeram.

Meninos heróis

Comovente foi o gesto de três garotos, coroinhas: Tomás, 15 anos; Antônio, 13 anos, e Luís, 11 anos. Quando os policiais invadiram o convento, os meninos lá estavam. Frei Martinho da Ascensão os levou rapidamente até a chácara, nos fundos, e os ajudou a escalar o muro para escaparem. Mas os coroinhas entenderam tudo: em vez de fugir, deram a volta e, pela frente, entraram novamente na igreja, ajuntando-se aos missionários já detidos. O oficial não queria, de jeito algum, prender os meninos, muito menos o Luisinho, muito criança. Mas tanto suplicaram eles que o oficial não pôde resistir. Ficaram também detidos.

A viagem infamante

O imperador baixou um edito condenando todos a morrerem crucificados. Antes, porém, foram coagidos a fazer uma viagem de ignomínia pelas grandes cidades. Encarapitados em 8 carruagens, sob o terrível frio de Janeiro, foram levados a Kioto, Osaka, Sakai e, finalmente, a Nagasaki, numa viagem humilhante de 26 dias.

Numa colina próxima da cidade foram levantadas as cruzes. O governador proibiu, sob a pena de morte, a presença de curiosos. Mas, na manhã de 5 de fevereiro de 1597, enorme multidão lá estava aguardando os acontecimentos.

"NADA TE PERTURBE, NADA TE ESPANTE, TUDO PASSA! SÓ DEUS NÃO MUDA, A PACIÊNCIA TUDO ALCANÇA. QUEM A DEUS TEM, NADA LHÉ FALTA. SÓ DEUS BASTA!" (Santa Tereza de Jesus)

O Calvário de Nagasaki

O superior, Padre Pedro, chegando ao local da execução, ajoelhou-se, abençoou aos companheiros mártires e à multidão e, avizinhandose da sua cruz, abraçou-a.

Inesquecível foi o gesto do menino Luís, o caçula dos mártires. Chegando à colina cheia de cruzes, foi logo procurando a sua. Era a menor, a terceira após a do Pe. Pedro e do seu colega Antônio. Correu até ela e a apertou demoradamente ao coração. A multidão, ao ver aquilo, começou a chorar.

Quando os 26 mártires já estavam no alto das cruzes, surgiu um oficial para transpassá-los com dois golpes de lança a cada um. Foi então que aconteceu uma coisa linda: os três meninos começaram entoar o salmo *Laudate pueri Dominum* (Louvai, meninos, ao Senhor...).

Mais perseguições

O imperador pensava que, com essa carnificina, tinha apagado em seu reino todo vestígio da religião cristã. Mas, ao contrário, ali mesmo em Nagasaki, estava acesa uma chama inextinguível de fé. O sangue daqueles mártires reacendeu a crença e a admiração de numerosos japoneses. Em breve os cristãos de Nagasaki eram mais de 30 mil. Mas, 20 anos depois, nova perseguição. Muitos cristãos foram massacrados; famílias inteiras decapitadas; inúmeros religiosos queimados vivos; velhos atirados em tachos de água fervendo ou no gelo...

Em 1867 Pio IX beatificou 205 desses mártires. E em 1981 João Paulo II declarou beatos mais 16 desses heróis cristãos, martirizados por causa da fé, entre 1597 e 1637.

Clausura

Em 1640 o Japão decretou total fechamento de suas portas ao Ocidente. Nenhum missionário conseguiu pôr os pés no arquipélago nipônico, após esse decreto. Foram derrubadas as igrejas, destruídos os altares. Quem ousasse acolher os cristãos em casa teria os bens confiscados. Proibiram-se as imagens cristãs. Em lugar do crucifixo se devia levar, ao pescoço, um ícone de ídolo japonês.

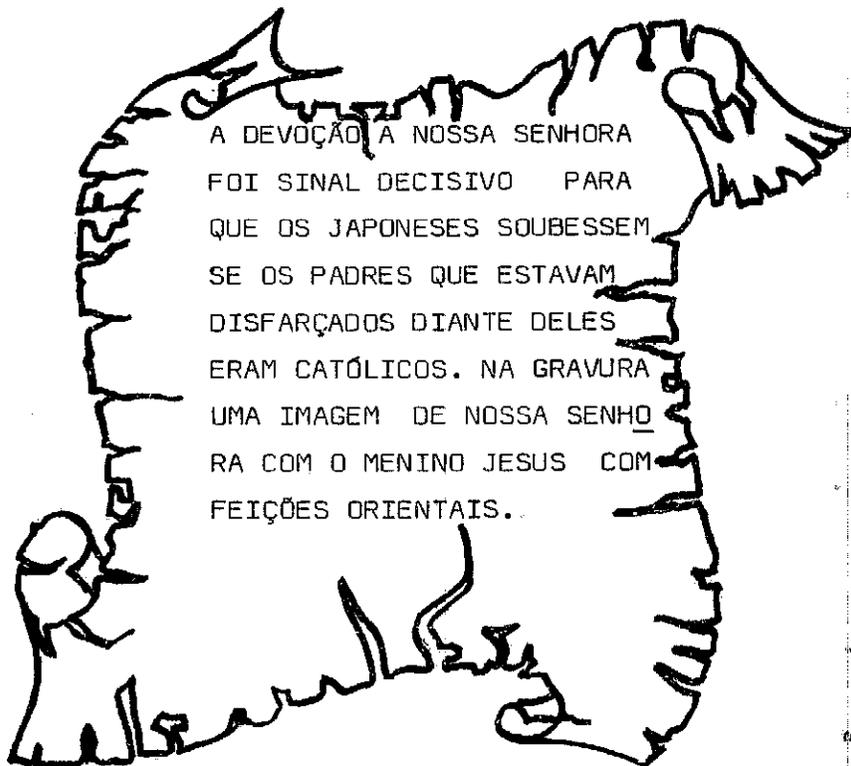
Uma comissão esperta

Assim, por 225 anos, o cristianismo no Japão viveu na clandestinidade, nas catacumbas. Mas, em 7 de março de 1865, dois sacerdotes franceses, Padres Petitjean e Laucaigne, disfarçados de comerciantes, durante uma estadia em Nagasaki, descobriram um núcleo ainda vivo de fiéis cristãos.

Certo dia se apresentaram a eles várias pessoas, que os vinham observando atentamente. Com aparente indiferença foram perguntando se no Ocidente havia um chefe religioso. O pe. Petitjean disse que sim, e lhes falou de Pio IX, Papa em Roma. Os astutos japoneses manifestaram então o desejo de conhecer as mulheres dos dois. Os missionários lhes explicaram que nenhum deles era casado e nem pretendia ser.



A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA FOI SINAL DECISIVO PARA QUE OS JAPONESES SOUBESSEM SE OS PADRES QUE ESTAVAM DISFARÇADOS DIANTE DELES ERAM CATÓLICOS. NA GRAVURA UMA IMAGEM DE NOSSA SENHORA COM O MENINO JESUS COM FEIÇÕES ORIENTAIS.



"BEM AVENTURADOS SEREIS QUANDO OS HOMENS VOS ODIAREM, E QUANDO VOS REPELIREM E CARREGAREM DE INJÚRIAS, E REJEITAREM O VOSSO NOME COMO MAU, POR CAUSA DO FILHO DO HOMEM" (Nosso Senhor Jesus Cristo in Lc VI, 22)

A medalha da Virgem

A conversa continuava cordial, sobre vários assuntos religiosos. De repente, um deles perguntou à queima-roupa:

— E onde está a medalha da Virgem Maria?

O Pe. Laucagne, estupefato, mais que depressa lhes mostrou uma imagem da Virgem Imaculada e, com fervor, lhes falou sobre as recentes aparições e prodígios de Lourdes.

Os japoneses sorriram, saudaram afavelmente os padres e se foram. Reuniram os pais de família no bairro de Urakami e lhes contaram que os estrangeiros eram verdadeiramente católicos. E estes foram os argumentos definitivos que apresentaram: eles eram muito unidos ao Papa, eram celibatários e tinham muita devoção a Nossa Senhora...

O encontro

Os dois missionários foram convidados a ir ao bairro católico, e ali os cristãos se deram a conhecer. Depois levaram os padres a mais duas aldeias onde viviam cerca de 10 mil fiéis, após mais de dois séculos de isolamento. Era a comunidade heróica descendente dos antigos mártires jesuítas e franciscanos. No CONFITEOR (Eu pecador) ainda rezavam: "Eu pecador me confesso a Deus todo-poderoso, à Bem aventurada Virgem Maria, ao Seráfico Pai

São Francisco..." A única devoção que ainda sabiam era o santo rosário e a invocação "Jesus, Maria, José!"

Alguns fiéis anciãos, chamados "os homens da água viva", vinham administrando o batismo, através dos séculos, sem a presença de nenhum sacerdote. Essa descoberta deixou o mundo estupefato. E quando o Pe. Petitjean narrou o fato ao Papa Pio IX, este se pôs a chorar...

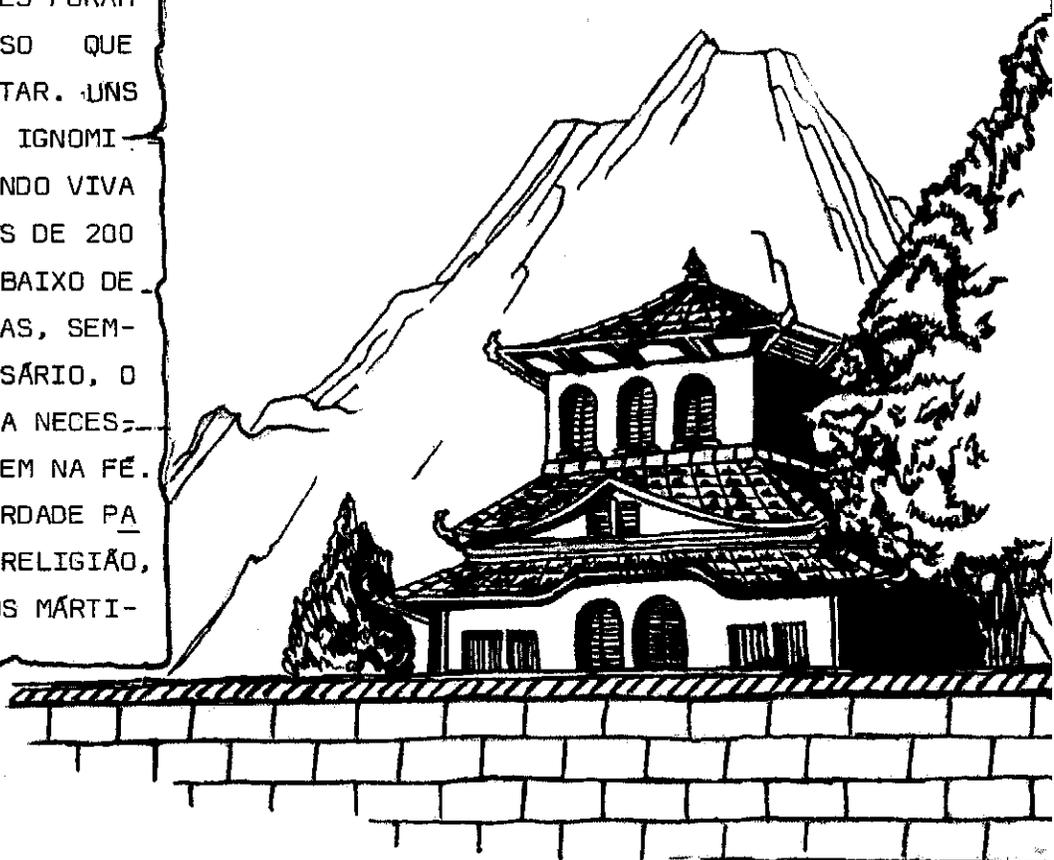
O heroísmo não morre

O pequenino rebanho de Nagasaki, resto dos mártires, a duras penas, levantou na colina dos heróis, uma bela igreja com seus festivos sinos. Demoraram 20 anos para erguê-la. Em 20 segundos, a 9-8-1945, uma bomba atômica a pulverizou juntamente com a maioria

dos cristãos.

Mas o heroísmo não morre. Com perseverança os sobreviventes reconstruíram a igreja. E no dia 25 de fevereiro de 1981, João Paulo II, ali disse: "Eu estou aqui para saudaros, heróicos descendentes daqueles que conquistaram a glória afrontando a própria tragédia." E a multidão presente chorou comovida, escutando as palavras do Papa.

OS CATÓLICOS JAPONESES FORAM UM EXEMPLO MARAVILHOSO QUE DEVEMOS PROCURAR IMITAR. UNS MORRENDO UM MARTÍRIO IGNOMINIOSO, OUTROS, MANTENDO VIVA SUA FÉ, POR MAIS MAIS DE 200 ANOS, SEM PADRES, DEBAIXO DE PERSEGUIÇÕES E AMEAÇAS, SEMPRE REZANDO O SEU ROSÁRIO, O QUE LHESS DAVA A FORÇA NECESSÁRIA PARA SE MANTEREM NA FÉ. E NÓS QUE TEMOS LIBERDADE PARA PRATICAR A NOSSA RELIGIÃO, IMITAMOS ESSES SANTOS MÁRTIRES?



BEM-FAZER NUNCA SE PERDE

Sempre o soube Dom Bosco:
interessante experiência por ele narrada
nas "Memórias do Oratório de São Francisco de Sales".

Naquele ano (1841), como meu pároco não tinha coadjutor, desempenhei esse cargo por cinco meses. Experimentava o maior prazer do mundo no trabalho. Pregava todos os domingos, visitava os doentes, administrava-lhes os santos sacramentos, com exceção da penitência, porque não havia ainda prestado o exame de confissão. Acompanhava os enterros, mantinha em dia os livros paroquiais, dava atestados de pobreza ou de outro gênero.

Minha delícia, contudo, era ensinar catecismo aos meninos, entreter-me com eles, falar com eles. Vinham muitas vezes de Murialdo para visitar-me; quando ia a casa, estava sempre rodeado deles. Eles também começavam a fazer novos companheiros e amigos nos seus povoados. Saindo da casa paroquial estava sempre acompanhado de um bando de meninos e aonde quer que fosse rodeavam-me os meus amiguinhos, contentes como quê.

Tinha muita facilidade em expor a Palavra de Deus, e por isso era amiudadas vezes procurado para pregar, fazer panegíricos nos povoados vizinhos. Convidaram-me a fazer o de S. Benigno, em Lavriano, em fins de outubro daquele ano. Aceitei de bom grado, porque se tratava do povoado do meu amigo e colega Pe. João Grassino, atualmente pároco de Scalenghe. Desejava abrihantiar a solenidade e por isso preparei e escrevi meu sermão em dialeto, bem esmerado, porém; estudei-o bem, certo de ganhar elogios. Deus, entretanto, queria dar uma terrível lição à minha vanglória. Era dia santo e, por isso, antes de partir, tive que celebrar a missa em hora cômoda para o povo; foi então preciso servir-me de um cavalo para chegar a tempo de pregar. Percorrida metade do caminho a trote e galope, cheguei ao vale de Casalborgone, entre Cinzano e Bersano, quando improvisamente um bando de pardais levantou-se de um milharal e o ruído das asas espantou o cavalo que pegou a correr desabaladamente estrada afora, por campos e prados. Mantive-me um pouco na sela, mas sentindo-a deslizar sob o ventre do animal tentei uma manobra de equitação. Todavia a sela, fora do lugar, lançou-me ao ar e caí de ponta-cabeça sobre um monte de pedras britadas.



"DEUS NOS COLOCOU NO MUNDO PARA OS OUTROS"
(São João Bosco)

Um homem, que da colina próxima assistiu ao lamentável acidente, correu com um empregado em minha ajuda. Encontrando-me sem sentidos, levou-me para sua casa e deitou-me na melhor cama que tinha. Dispensaram-me os mais caridosos cuidados e assim, depois de uma hora, voltei a mim e percebi que estava em casa alheia.

— Não se preocupe — disse meu hóspede —, não se inquiete por estar em casa alheia. Aqui nada lhe faltará. Já mandei chamar o médico; outro homem foi procurar o cavalo. Sou um camponês, mas provido de todo o necessário. Sente-se muito mal?

— Deus lhe recompense tanta caridade, meu bom amigo, Não acredito que o caso seja grave; talvez uma costela partida, pois não posso mover as costas. Onde estou?

— Na colina de Bersano, na casa de João Calosso, apelidado *Brina*, seu humilde servo. Também eu girei pelo mundo e tive necessidade dos outros. Oh! quantas aventuras quando ia a feiras e mercados!

— Enquanto aguardamos o médico, conte-me alguma coisa.

— Oh! quanta coisa teria para contar. Ouça uma. Anos atrás, no outono, havia ido a Asti com minha burrinha a fim de comprar

provisões para o inverno. Na volta, assim que cheguei aos vales de Murialdo, o pobre animal, sobrecarregado, caiu num lamaçal e ficou imóvel no meio da estrada. Inútil todo esforço para levantá-lo. Era meia-noite, tempo escuro e chuvoso. Já não sabendo o que fazer, pus-me a gritar por socorro. Minutos depois, alguém de uma casa vizinha me ouviu. Veio um clérigo, um seu irmão, mais dois outros homens, portando tochas acesas. Ajudaram-me a descarregar a jumenta, tiraram-na da lama, e levaram-me a mim e todas as minhas coisas para a casa deles. Eu estava meio-morto; tudo estava encharcado de lama. Limparam-me, recuperaram-me as forças com estupenda ceia, e depois me deram uma cama bem macia. Pela manhã antes de partir quis recompensá-los como cumpria. O clérigo recusou tudo, dizendo:

— E não pode acontecer que amanhã tenhamos necessidade do senhor?

Ao ouvir estas palavras, senti-me comovido e o outro percebeu minhas lágrimas.

— Sente-se mal? — disse-me.

— Não — respondi —, gostei tanto do que o senhor contou, que fiquei comovido.

— Se soubesse o que fazer por aquela boa família!... Que gente boa!

— Como se chamava?

— Família Bosco, apelidada de Boschetti. Mas por que é que está tão comovido? Acaso a conhece? Vive ainda e está bem aquele clérigo?

— Aquele clérigo, meu bom amigo, é o padre ao qual está a recompensar com juros o que fez pelo senhor. É o mesmo que o senhor trouxe para sua casa, colocou nesta cama. A divina providência quis mostrar-nos com este fato que quem dá, recebe.

É fácil imaginar a maravilha, a alegria daquele bom cristão e minha, ao ver que na desgraça Deus me havia feito cair nas mãos de um amigo. A mulher, uma irmã, outros parentes e amigos fizeram grande festa ao saber que estava em casa a pessoa da qual tantas vezes haviam ouvido falar. Não houve atenção que não me prodigalizassem. O médico, ao chegar, constatou que não havia fraturas, e assim em poucos dias pude retomar o caminho de volta à minha terra no mesmo cavalo, que havia sido encontrado. João Brina acompanhou-me até minha casa, e enquanto viveu conservamos estreita amizade.

Depois desse aviso tomei a firme resolução de para o futuro preparar os sermões para a maior glória de Deus e não para parecer douto e letrado.

Dom Bosco



EXTRAÍDO DO BOLETIM SALESIANO

"AGORA SOU EU SOZINHA QUE SOFRO A DOR; LÁ, PORÉM, NO SUPLÍCIO, UM OUTRO ESTARÁ EM MIM: ELE SOFRERÁ POR MIM, PORQUE EU SOFREREI POR ELE" (Santa Felicidade)

Santa Maria Egipciana, a penitente

Podemos comparar o percurso da Igreja Católica ao longo dos séculos ao do sol na abobada celeste: apresenta uma luminosidade e um colorido especiais a cada hora do dia. Todos esses brilhos — desde a aurora ao poente — são belíssimos. Assim também a Igreja emite resplendores distintos em cada era de sua vida.

Hoje, caro leitor, convido-o a contemplar um raio de luz da Igreja primitiva: a Igreja das grandes mortificações, das grandes penitências, dos grandes pecados que redumdam em grandes contrições, das inocências virginais e da austeridade requintada. E o velho som de um sino que, repercutindo através da História, chega até nós para nos lembrar aquela gravidade e seriedade inigualáveis, tão aptas a empolgar as almas que verdadeiramente amam a Deus e a Santíssima Virgem.

Amanhã será a festa de Santa Maria Egipciana, cognominada ao longo dos séculos de "a Penitente". Ela nasceu no Egito, no ano de 345 e morreu na Palestina em 421. Abandonou a casa paterna aos 12 anos e foi para Alexandria onde, durante 17 anos, levou uma vida licenciosa. Um capricho conduziu-a a Jerusalém, onde o Deus três vezes santo rejeitara, não permitindo sua entrada na basílica do Santo Sepulcro. Isolando-se num quarto da hospedaria, onde providencialmente havia uma efígie de Nossa Senhora, ela chora amargamente seus pecados e volta-se para a Mãe de Misericórdia e Porta do Céu, encontrando aí sua reconciliação com Deus.

Ao abismo de pecado sucede o abismo de penitência: ela se retira para o deserto, onde durante 47 anos, leva a vida mais austera. São Zózimo descobriu o seu retiro e levou-lhe a Comunhão, no ano 420. Por ocasião da Páscoa do ano seguinte voltou a procurá-la e encontrou-a morta.

A respeito de tão grande santa, apresento a sua consideração, caro leitor, uma página de ouro desse livro de maravilhas que é "Legende Dorée, de Jacques Voragine". Será verdadeira a narração apresentada por esta obra? Mesmo na ausência de documentos que possam confirmar o bellissimo relato, uma piedosa tradição do mesmo atravessou os séculos. E tanto bem causa as almas a narrativa, que é inclinado a considerar a veracidade do fato histórico como secundária.

Após a leitura, não corra logo as suas ocupações habituais, mas detenha-se um pouco. Faça uma breve oração. Peça a Deus, por intercessão de Santa Maria Egipciana, uma contrição verdadeira de seus pecados. Uma contrição na paz, sem escrúpulos, nem dilacerações, verdadeiramente santa, que aproxime sua alma d'Ele e da Santíssima Virgem.

A história de Santa Maria Egipciana, também chamada a Pecadora, foi por ela mesma contada ao abade Zozimo, que a encontrou um dia. Ao pedir ao religioso que lhe dissesse quem era e de onde vinha, aquela estranha figura de mulher, negra e curtida pelo sol, respondeu: "Pai, perdoai-me, mas se vos revelar quem sou, fugireis como à vista de uma serpente, e vossos ouvidos serão

manchados por minhas palavras e o ar será empestado por minha impureza. Eu me chamo Maria e nasci no Egito. Fui para Alexandria aos 12 anos e durante 17 anos aí vivi como mulher pública, vendendo-me a quem o quisesse. Mas um dia, como alguns habitantes dessa cidade fizesses uma peregrinação para adorar a Santa Cruz, em Jerusalém, pedi aos marinheiros que me deixassem embarcar também. Eles me perguntaram se eu tinha dinheiro para pagar a passagem. Respondi que não tinha dinheiro, mas me ofereci a mim mesma. E assim se fez a viagem. Mas eis que em Jerusalém, como eu me apresentasse com os outros peregrinos na porta da igreja, senti-me repelida por uma força invisível que não me permitiu entrar na igreja. Diversas vezes aproximei-me da porta, sofrendo a humilhação de ser rechaçada, enquanto os outros entravam livremente, sem que nada os impedisse. De tal sorte que, voltando ao albergue, compreendi que aquilo era uma consequência de minha vida criminosa. E eu pus-me a bater no peito com as mãos, a verter lágrimas amargas, a suspirar do mais profundo do meu coração. Depois, levantando a cabeça, vi na parede uma imagem da bem-aventurada Virgem Maria. Supliquei-lhe entre lágrimas que me obtivesse o perdão dos pecados e a permissão de entrar na igreja para adorar a Santa Cruz. Em troca, prometi renunciar ao mundo e viver na castidade. Após essa oração, sentindo confiança no nome da Virgem Maria, de novo me apresentei às portas da igreja.



Santa Maria Egipciana recebe a comunhão. Mestre da Tobaída, Pisa, séc. XIV.

E eis que agora pude entrar sem nenhum impedimento. Tendo adorado piedosamente a Santa Cruz, um desconhecido deu-me três moedas, com as quais eu comprei três pães. E ouvi uma voz que dizia: "Atravessa o Jordão e serás salva". Atravessei então o Jordão e vim para esse deserto, onde há 46 anos vivo, sem jamais ter visto figura humana, alimentando-me dos três pães que trouxe comigo, e que se tendo tornado duros como pedra, ainda são suficientes para minha alimentação. Quanto aos meus vestidos, há muito que se fizeram em pedaços. Durante os primeiros dezessete anos de minha permanência no deserto fui atormentada de tentações contra a carne, mas no momento, pela graça de Deus, eu as venci inteiramente. Eis minha história. Eu a contei, para que peçais a Deus por mim".

Então, o ancião, prostrando-se em terra, bendisse ao Senhor na pessoa de sua serva. E esta lhe disse: "Ouvi o que vos vou pedir: no dia de Páscoa, atravessai novamente o Jordão, trazendo convosco uma hostia consagrada. Eu esperarei na margem, e receberei de vossas mãos o Corpo do Senhor, porque não mais comunguei, desde que aqui cheguei". O ancião voltou ao seu mosteiro e, no ano seguinte, estando próxima a festa da

Páscoa, voltou ao Jordão, levando consigo uma hostia consagrada. E eis que percebeu a mulher, de pé, na outra margem. E tendo feito o sinal da cruz sobre as águas, ela andou sobre elas e assim chegou até o ancião. Este, maravilhado, quis se prostrar humildemente a seus pés. Mas ela lhe disse: "Meu pai, guardai vos de vos prosternar diante de mim, sobretudo agora que trazeis o Corpo de Cristo. Mas dignai-vos, eu vos suplico, voltar ainda o ano que vem". No ano seguinte, Zozimo não mais a encontrou na margem. Ele atravessou o rio e se dirigiu ao local onde a vira pela primeira vez. E lá a viu morta. Então, ele chorou amargamente e não ousava tocar seus restos, temendo ofendê-la. Mas enquanto pensava no meio de enterrá-la, leu uma inscrição sobre a areia ao lado da cabeça da santa: "Zozimo, enterre o corpo de Maria, entregue suas cinzas a terra e pede por mim ao Senhor que me libertou do mundo no segundo dia de abril". Assim, o ancião abriu-lhe uma cova sendo para isso milagrosamente auxiliado por um leão, que aí apareceu. E o ancião voltou ao seu mosteiro, glorificando a Deus. (Jacques de Voragine — "La Légende Dorée" — Edição Garnier Flammarion — vol. 1, pags. 284—286).

COLUNA CATOLICA

ESTANISLAU DO CARMO

"HAVERÁ MAIS FESTA NO CÉU POR UM PECADOR QUE SE CONVERTA QUE POR NOVENTA E NOVE JUSTOS, QUE NÃO TEM NECESSIDADE DE PENITÊNCIA" (Nosso Senhor Jesus Cristo, in Lc XV, 7)